

SOBRE OS 50 ANOS DA AGB PORTO ALEGRE

Dirce Suertegaray, Nelson Rego¹

Sinthia Batista²

Refletir sobre os 50 anos da Seção Porto Alegre da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) é demonstrar a força dessa associação no contexto acadêmico, político, social e cultural do Rio Grande do Sul. Sobretudo é importante como explicitação do trabalho da AGB-POA na possibilidade que sempre exerceu – a de constituir um espaço de formação na Geografia para além do exclusivamente acadêmico. Importa, portanto, resgatar sua atuação nestes 50 + 2 anos.

A AGB-POA, é uma entidade de utilidade pública criada em 19 de novembro de 1973 como um núcleo da Seção Regional da AGB São Paulo. Surgiu por iniciativa de professores do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 1976, tornou-se a Seção Regional do Rio Grande do Sul e, em 1980 com a mudança dos estatutos da Associação dos Geógrafos Brasileiros, recebeu a atual denominação¹.

No momento de sua fundação e nos primeiros anos subsequentes, a AGB-POA se constituiu como entidade muito próxima dos professores universitários, sua sede encontrava-se junto ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na rua General Vitorino, no Centro de Porto Alegre. Desde então se observou uma política de ampliação de seus quadros e propósitos em diálogo com os diferentes cursos de Geografia nas universidades do interior do estado e com professores de todos os níveis do ensino, com bacharéis e com estudantes de graduação e pós-graduação. Entre os objetivos da AGB Nacional e de suas Seções Locais, estão o desenvolvimento do conhecimento geográfico e o aprimoramento científico e cultural

¹ Professores do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Professora do Departamento Interdisciplinar do Campus Litoral Norte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

¹ Disponível em: <https://agb-portoalegre.webnode.com.br/sobreagb/>.

dos associados; a discussão e encaminhamento das questões profissionais; assim como das questões de interesse da sociedade nas quais a contribuição do profissional de Geografia é pertinente.

O caráter formador da AGB, e em específico de sua Seção Porto Alegre, é evidenciado pela realização de cursos e encontros, em especial o atualmente denominado Encontro Estadual de Geografia, que está em sua XXXIX edição. Os eventos precursores dos encontros promovidos pela AGB-POA datam dos anos 70. Foram cursos voltados a professores, frequentados sobretudo por docentes do ensino superior vindos de diversas cidades do Rio Grande do Sul, notadamente Santa Maria. Os cursos eram realizados nas dependências do prédio da Rua General Vitorino, em parceria com os professores vinculados ao Departamento de Geografia da UFRGS. Concomitante aos cursos, foi iniciada em 1974 a publicação denominada Série Geografia, com artigos escritos por renomados geógrafos.

Contribuiu também na sistematização dessa discussão com várias publicações, principalmente o Boletim Gaúcho de Geografia, que foi editado de 1974 a 1980 com o título de Série Geografia e passou ao atual título a partir de 1981.

Os promotores e participantes desses cursos e de uma reunião que congregou professores das universidades gaúchas, realizado em Santa Maria, fomentaram a ideia para um encontro de porte maior e, assim, em 1980, em Caxias do Sul, é realizado o evento designado como I Encontro Regional de Professores Universitários de Geografia e I Seminário de Pesquisas nas Universidades. Em 1981, acontecem, em datas diferentes, dois eventos, um voltado para o ensino superior, o segundo, para o ensino escolar: II Encontro Regional de Professores Universitários de Geografia, em Santa Maria, e I Encontro de Professores de Geografia de Ensino de I e II Graus, em Porto Alegre. No ano seguinte, os dois eventos são realizados simultaneamente na cidade de Ijuí, sob o título que expressa a realização de dois encontros em um: III Encontro Regional de Professores Universitários de Geografia e II Encontro de Professores de Geografia de Ensino de I e II Graus.

Em 1983, em Passo Fundo, a repetição da simultaneidade confirma a ênfase posta na articulação entre os níveis de ensino: IV Encontro Regional de Professores Universitários de Geografia e III Encontro de Professores de Geografia de Ensino de I e II Graus. No ano seguinte, 1984, em Porto Alegre, a referência ao nível escolar do ensino de

Geografia vem para frente no título e há uma mudança na nomenclatura que designa o ensino no nível superior, acentuando a ideia da continuidade entre os níveis: IV Encontro de Professores de Geografia de Ensino de I e II Graus e V Encontro Regional de Geografia do III Grau. Nesse tempo, a AGB-Porto Alegre já tinha se tornado uma seção independente da Seção São Paulo, vínculo de sua origem, e havia sido transferida de sua sede no Departamento de Geografia da UFRGS.

Em 1985, consolida-se o adensamento da articulação entre os níveis de ensino, que se manifesta na unificação expressa pelo título: V Encontro Regional de Professores de Geografia, realizado na cidade de Rio Grande. Nessa sequência de edições, o evento vai crescendo em importância e, em 1986, no encontro realizado em Bagé, o “regional” é substituído por “estadual”, ganhando o título de VI Encontro Estadual de Professores de Geografia. Com essa designação de Encontro Estadual de Professores de Geografia, prossegue sendo realizado anualmente e de modo itinerante pelas cidades do estado, Frederico Westphalen, Santa Cruz e Osório, entre outras, na continuidade do evento.

Mas voltemos um pouco no tempo. A partir de 1978 promove-se uma inflexão nos rumos da AGB Nacional, que irá se refletir na AGB-POA. Conforme entrevista do Prof. Manuel Correia de Andrade², nessa ocasião, no decorrer do 3º Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Fortaleza, apresentaram-se duas candidaturas, a de Marcos Alegre, da AGB Presidente Prudente, em que Manuel Correia da Andrade era candidato a vice-presidente, e a de Casimiro Jacobs, da AGB Porto Alegre. O processo eleitoral, no entanto, foi confrontado por professores e alunos críticos à forma organizativa da associação e dos rumos da Geografia brasileira. Manuel Correia de Andrade conta que fez a tentativa de conciliar as chapas, mas a sua proposta de conciliação não foi aceita pelas candidaturas. Na disputa, a chapa de Marcos Alegre é eleita recebendo o apoio dos professores e alunos críticos. Porém, o processo de questionamento sobre o modo organizativo da entidade prossegue. Esse movimento dera os primeiros sinais em 1972, crescera a partir de 1974 e em 1978/79 a mobilização de estudantes de graduação e de

² Entrevista com o Prof. Manoel Correa de Andrade. *Revista Geosul*, v. 3, n. 6, 1988. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12707>.

Ver também: SPÓSITO, E. S. **Breve Histórico da A. G. B.** Caderno Prudentino de *Geografia*, v. 1, n. 5, p. 97-100, 1983.

Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6240/4774>.

professores do ensino escolar de Geografia estava acirrada. Em 1979, em reunião da AGB Nacional em São Paulo, alguns meses após o encontro em Fortaleza no ano anterior, Marcos Alegre renuncia à presidência em decorrência da continuidade do processo de questionamento. Instaura-se, então, uma gestão coletiva e é produzido o novo estatuto, em vigor até hoje.

Esse debate dos anos 70 se incrementa na década de 1980. A AGB Nacional e as diferentes secções locais, entre elas a AGB Porto Alegre, envolveram-se no debate e na proposição da extinção dos cursos em licenciatura curta, criados com base no acordo MEC/USAID (Ministério da Educação e *United States Agency for International Development*) por ocasião da reforma universitária de 1968, realizada no contexto da ditadura militar/empresarial que governava o país.

Os cursos de Estudos Sociais promoviam a formação em História e Geografia num curso com duração de 3 anos, com a finalidade de formar professores para o ensino básico/fundamental. No entanto, tal formação era criticada por sua insuficiência para um ensino eficaz tanto na Geografia quanto na História, além de não permitir a continuidade da formação acadêmica nos níveis de mestrado e doutorado, impedindo, dessa forma, a progressão profissional. Nesse movimento de embate contra o acordo ME/USAID, a Seção permaneceu ativamente vinculada aos professores universitários e, da mesma forma, à Associação Nacional dos Professores de História (ANPH), que demandava a mesma reivindicação pela extinção das licenciaturas curtas, em prol da formação plena.

Em 1981, no decurso das mudanças na AGB nacional, a sede da AGB-POA é deslocada da sala do prédio onde se situava o Departamento de Geografia da UFRGS. Isto se deu mediante proposição por parte dos professores do Departamento de Geografia, que solicitaram que a AGB providenciasse outro local para sua sede. A AGB-POA passa então, durante um período relativamente curto, a ocupar espaço junto ao escritório de planejamento coordenado pelo professor Gervásio Rodrigo Neves, na Praça Otávio Rocha, em Porto Alegre. Em 1984, a professora Neiva Shaffer, diretora da AGB-POA, diante da necessidade de definir um local para a sede da associação, faz solicitação e recebe aceno positivo da diretoria do Sindicato de Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERGS). Assim a AGB passa ter sua sede no prédio do CPERGS, na rua Alberto Bins, em consonância com a maior participação de professores da

educação básica e de estudantes de graduação. Por longo tempo sua sede permaneceu nesse espaço.

A repercussão desse envolvimento promoveu o reconhecimento e ampliação da rede agebeana. Destaca-se que já no ano de 1982 acontece o V Encontro Nacional de Geógrafos na cidade de Porto Alegre, com 1.188 inscritos e 603 participantes nos cursos ofertados, sendo apresentadas 114 comunicações livres. Isso demonstrou que estava estabelecida uma forte articulação da AGB com o processo de formação de professores e estudantes, significando uma continuidade consolidada de ações da Seção Local.

Para além dos sócios de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul, a Seção recebia associados de Santa Catarina e do Uruguai. Com professores uruguaios foram partilhados muitos eventos comuns, seja no estado do RS seja no Uruguai a convite da Associação de Professores de Geografia do Uruguai. Nessa época, foi intenso o diálogo da AGB Porto Alegre com professores de ensino fundamental daquele país, o que perdurou até os anos da década de 90. Eventos promovidos pela Associação de Professores do Uruguai e pela AGB-POA permitiram essa aproximação, consolidando parcerias por todos esses anos. E, de forma mais ampliada, consolidou-se a aproximação com a AGB Nacional.

Em 1980, fora regulamentada a profissão de geógrafo, que havia sido aprovado pela Lei Nº 6.664, de 26 de junho de 1979. O processo de regulamentação da profissão de bacharel geógrafo foi intensamente acompanhado pela AGB Porto Alegre. O debate nesse período centrava-se na proposição de formação diferenciada para bacharéis geógrafos e numa associação profissional vinculada ao Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA), associação constituída exclusivamente por esses profissionais bacharéis em Geografia.

Essas demandas dos bacharéis contrariavam a postura histórica de AGB em relação a defesa da unidade de formação básica entre os profissionais da Geografia e de suas reivindicações. O movimento pela integração na formação geográfica força a discussão junto ao Ministério de Educação, sendo constituída uma comissão de notáveis geógrafos (entre eles, Milton Santos, Gervásio Rodrigo Neves, Ruy Moreira) para propor uma nova estruturação curricular para a formação em Geografia. Resultou desse trabalho uma proposição estrutural dos currículos de Geografia que substituiu a clássica organização de formação conhecida como 4x1 (quatro anos comuns e um quinto de

formação pedagógica para os licenciados) pela proposição em formato de Y, ou seja, dois anos de formação comum entre professores e bacharéis e mais dois anos de formação diferenciada caracterizada pelas proposições de disciplinas pedagógicas para a licenciatura, e disciplinas técnicas, de mapeamento e diagnósticos físicos, territoriais e ambientais, para a formação dos bacharéis. Essa modalidade de formação permitia que, ao finalizar um dos cursos, o aluno pudesse dar continuidade à outra formação sem necessitar novo ingresso na universidade. Esse currículo em Y foi implantado na UFRGS e perdurou até a segunda década do século 21, quando da separação em definitivo da formação de professores e de bacharéis em Geografia.

Nos anos 80 aconteceram a abertura política e o fim da ditadura. A efervescência foi grande na AGB Nacional, assim como na AGB Porto Alegre, o que se refletiu em mudanças organizacionais e na maior atenção às demandas sociais e, nelas, à questão ambiental. Tais fatos promoveram uma ampliação das ações, passando a AGB POA a se envolver em movimentos de resistência a empreendimentos que causassem impactos ambientais, sobretudo urbanos. Destacaram-se os embates relacionados ao Projeto Praia do Guaíba, com a AGB produzindo documento sobre a análise dos impactos, construído por professores e alunos, e por meio do qual a associação participou do debate entre movimentos sociais, contribuindo para o fortalecimento de ações que resultaram na não efetivação do projeto.

Cabe registrar que a AGB POA iniciou nos anos 1980 a publicação do pequeno jornal Notícias, com o objetivo de divulgar as atividades da associação e simultaneamente veicular notas sobre a conjuntura em escala estadual e nacional. O Notícias foi perpetuado no tempo, sendo enviado aos associados pelo correio e, em certos momentos, chegou a ter edições mais volumosas em número de páginas. Com o surgimento e rápida disseminação da internet e o encarecimento dos custos de correio, o pequeno noticioso em papel foi substituído por informativos via e-mail e lista eletrônica de comunicações e discussões da AGB POA.

Destaca-se também que, a partir de 1981, a publicação denominada Série Geográfica passou ao título de Boletim Gaúcho de Geografia, sendo a mudança não apenas de título, mas, sim, passando a publicar uma gama mais abrangente de autores ligados à Geografia. E o Boletim Gaúcho de Geografia, seguindo o mesmo caminho da

maioria dos periódicos científicos, transferiu-se da publicação em papel para a publicação eletrônica, viabilizando duas edições anuais ao invés de uma.

Os anos 90 foram de novas mudanças. A conjuntura nacional se altera com o avanço global do neoliberalismo, passando por transformações que afetam as universidades e associações. Nesse contexto, a universidade tende a se transformar em organização voltada ao operacional³ e subordinada ao modelo empresarial, isto é, as ações universitárias passam a ser mensuradas pelo interesse menor ou maior que direta ou indiretamente apresentem para o sistema hegemonizado pela acumulação privada e a mentalidade empresarial associada a esta.

Intensificam-se a especialização voltada para esse caráter operacional e a fragmentação do conhecimento. Os professores universitários passam a cada vez mais se direcionar a pesquisas segmentadas em relação umas às outras, em detrimento da formação com perspectivas articuladoras. Acentua-se a separação nas formações de bacharéis e licenciados em Geografia. Os professores da educação básica sofrem duros reveses em suas formas de atuação e organização, pela desregulamentação das relações de trabalho, o que leva à precarização cumulativa das condições do trabalho docente. Ocorre o declínio de sindicatos e entidades associativas.

É também nesses anos 90 que se amplia a Pós-graduação em Geografia no Brasil e é criada a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE). Num processo dialético ao mesmo tempo produzido por contradições e produtor de contradições, a expansão da Pós-graduação super acentuou a pesquisa como mote e não, na mesma medida, o ensino e a extensão/comunicação em contato com o Brasil concreto das classes populares. O processo intensifica especializações que se coadunam ao caráter operacional que vai internalizando no dia a dia da universidade uma cópia (por vezes, caricata) do modelo empresarial.

Nas contradições desse processo que abriga sujeitos que se opõem e disputam politicamente a condução dos projetos, implanta-se o sistema de avaliação de cursos via Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e se fortalece a discussão sobre pesquisa em Geografia entre professores e pesquisadores nas universidades, nos institutos de ensino superior e, mesmo, com outros órgãos de

³ Conferência Contra a universidade operacional e servidão voluntária. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LJr3SY2UpoE&t=8s>.

pesquisa. Entrelaçadas a essa expansão institucional da Geografia rumo à Pós-graduação, ocorrem mudanças nas estruturas curriculares dos cursos de Geografia, acentuando a separação nas formações de licenciados e bacharéis.

Em paralelo, há uma diluição do foco que fora mantido pela AGB-POA em relação à educação básica. Cabe registrar que o número de seus associados chegara a 1400 no final dos anos 80, com grande participação de professores da educação básica na composição desse quadro associativo. O número de associados cairá gradativamente nos anos subsequentes, assim como haverá uma retração da presença participativa desses professores dos níveis de ensino fundamental e médio. Apontamos que um dos motivos para esse distanciamento está na inflexão do foco de ação da AGB-POA. É uma fase de ampliação dos focos de atuação, mas é também período de relativa fragmentação e, em particular, de declínio na mobilização para as causas dos professores da educação básica. Concomitante a esse declínio, ocorre o direcionamento dos professores da universidade para a pesquisa e busca de participação em outros fóruns de discussão na Geografia brasileira, fóruns esses que se encontram em fase de uma acelerada ampliação que, em seu desenvolvimento, abriga a fragmentação.

Em síntese, a AGB-POA continuou atuante nas questões relacionadas ao ensino em todos os níveis, porém, a sua atenção e suas energias de trabalho acabaram por se dividir em várias frentes nesse tempo em que as conjunturas em movimento mais exigem a concentração de foco no enfrentamento da precariedade das condições de trabalho docente, processo que vinha desde a ditadura e que, na hegemonia neoliberal, cresce em efeitos cumulativos.

Nesse processo contraditório e de reavaliações dos focos estabelecidos, na segunda metade dos anos 2000 há uma retomada de ações pela AGB-POA que visam o fortalecimento do vínculo com os professores do ensino escolar. Destaca-se a multiplicação das jornadas intituladas Nossas Práticas, Nossos Desafios, iniciadas ainda na primeira metade da década de 80, voltadas ao protagonismo do professor escolar de Geografia. As jornadas, cuja realização de eventos havia declinado, não apenas aumentam em número como se tornam itinerantes por cidades do Rio Grande do Sul.

Em 2010, em função do aumento das atividades realizadas em seu prédio e diretamente vinculadas ao próprio sindicato, o CEPRGS solicita que se retirem de suas salas todas as outras entidades que ali estavam abrigadas. A AGB-POA passa a alugar uma sede comercial no histórico edifício Bier e Ullmann, na Rua Uruguai, no Centro de Porto Alegre, onde permanece até 2017. Transfere-se, após, para junto à sede do Ateneu Libertário – A Batalha da Várzea, situado na Rua Lobo da Costa, no bairro Cidade Baixa.

No ano de 2010, ocorre em Porto Alegre o XVI Encontro Nacional de Geógrafos, que ganha o subtítulo de Crise, Práxis e Autonomia: espaços de resistência e de esperanças. O encontro reúne mais de 6.000 participantes; aproximadamente 3.000 trabalhos são apresentados; 21 mesas redondas, com cerca de 45 palestrantes, são realizadas. Essa edição do Encontro Nacional ocorrido em Porto Alegre permanece como a de maior número de participantes na história do evento.

O processo de organização do encontro nacional foi fortalecido pela ação da AGB-POA, que, nos anos imediatamente anteriores, voltara a passar por um contínuo crescimento no número de associados anuais, oscilando entre 700 e 800 anuidades. A realização do encontro nacional de 2010, assim como foi fortalecido pela AGB-POA, reciprocamente a fortaleceu. Desde a fase preparatória ao encontro, a partir de 2008, até um ano após a sua realização, a AGB-POA participou ativamente de embates políticos relacionados ao espaço urbano porto-alegrense, com ações junto a movimentos sociais. Destacaram-se a elaboração de laudo técnico relacionado à transferência da Vila Chocolate – questão na qual prevaleceu a posição da AGB no âmbito do Ministério Público Federal – e a produção de documento sobre a chamada questão do Pontal do Estaleiro, na qual o documento da AGB contribuiu na mobilização de entidades e consequente recuo da Prefeitura na aprovação do projeto danoso ao ambiente. Nos anos subsequentes, a AGB-POA prosseguiu atuando próxima aos movimentos sociais, assim como continuou a organizar os Encontros Estaduais de Geografia.

Infelizmente, alguns momentos de esvaziamento aconteceram a partir de 2015, quando a realidade macrossocial pesou em demasia sobre as possibilidades de atuação de entidades da sociedade civil. O processo contínuo e crescente que produz a precariedade das condições de trabalho impostas aos docentes de todos os níveis, principalmente aos da educação básica, reflete-se em entraves econômicos e de tempo

disponível para as possibilidades de participação dos associados, o que se manifesta, inclusive, na dificuldade para compor diretorias e comissões de trabalhos.

A isso, somou-se o grande impacto causado pela pandemia de Covid-19, em 2020, assim como o quadro de pós-pandemia que se estendeu pelo ano de 2021 e cujos efeitos ainda são sentidos. Em agravante a esse quadro, a situação política vivida pelo país no quadriênio de 2018-2022 foi a de constante ameaça de quebra da ordem constitucional e de instalação de Estado de exceção. Os piores momentos desse tempo de agruras foram muito difíceis, mas resistimos. Em nenhum momento, nem a AGB-POA, nem as Seções Locais da AGB por todo o país, deixaram de existir.

Os Encontros Estaduais de Geografia no Rio Grande do Sul seguiram sendo realizados e houve a partir dos anos 2018 um fortalecimento da ação da AGB Porto Alegre que apresentava um crescente de mobilização, contudo o advento da pandemia freou esse processo.

Durante a pandemia, a AGB Porto Alegre promoveu espaços de diálogos em meios digitais, principalmente por meio do canal <https://www.youtube.com/@AGBPortoAlegre/playlists>. A associação realizou o “BGG Falado” com a apresentação em vídeo de textos publicados em diferentes momentos do Boletim Gaúcho de Geografia. Realizou também debates em escala nacional articulando diferentes pesquisadores com dois seminários sobre a questão agrária e a questão ambiental (Ciclo de debates da Resistência e Seminário “Terra e Território”), frente ao contexto de ataques à legislação ambiental e o avanço nos debates jurídicos sobre a tese do Marco Temporal, que implicam diretamente no aumento de conflitos no Estado do Rio Grande do Sul envolvendo os povos indígenas. Essas ações desdobram-se em trabalhos junto ao Povo Xokleng Konglui, sendo esse trabalho proposto a partir da AGB Porto Alegre e assumido por professores do campus Litoral Norte da UFRGS, via pesquisa e extensão universitária ainda no contexto pandêmico, perdurando até os dias de hoje.

O Encontro Estadual de Geografia ocorrido em 2022, na cidade de Imbé, contou com apenas 60 participantes - esse pequeno encontro em Imbé foi grande em bravura e na afirmação de que CONTINUAREMOS, ele marcou a retomada dos encontros no pós-pandemia num momento em que a ameaça de um golpe político de caráter fascista se avolumava no país. Na plenária final do evento surgem três propostas para a realização dos próximos encontros: Porto Alegre; Rio Grande e a previsão da realização do XXXIX

Encontro Estadual em Santa Maria coincidindo com a comemoração dos 60 anos do curso de Geografia da UFSM.

Assim, no ano de 2023 foi realizado, em Porto Alegre, o XXXVII Encontro Estadual em comemoração aos 50 anos da AGB Porto Alegre junto ao aniversário de 80 anos do curso de Geografia da UFRGS, fato que gerou este Boletim Gaúcho com sessão espacial. O evento situou a AGB Porto Alegre num outro momento: a busca pela articulação entre os cursos de Geografia do Estado do Rio Grande do Sul e a reconstituição da AGB Porto Alegre como o espaço do debate, do avanço do conhecimento geográfico e da formação de geógrafas e geógrafos.

No ano de 2024, as chuvas extremas que atingiram o Estado do Rio Grande do Sul foram mais um desafio na mobilização crescente da AGB POA, demonstrando a relevância da entidade, visto que, além da nota política emitida⁴, foi realizada uma live⁵ sobre mudanças climáticas e eventos extremos, envolvendo docentes de diferentes universidades do Rio Grande do Sul. Com um público de mais de 3.000 pessoas ao vivo, o vídeo teve mais de 5.000 acessos até o momento. Assim, após a modificação da data do encontro seguinte, devido à cidade de Rio Grande ter sido atingida, foi realizado o XXXVIII em Rio Grande junto à FURG, restabelecendo a possibilidade de composição de uma diretoria com composição mista alcançando estuantes, professores da educação básica e professores universitários.

Para concluir - e prosseguir

Durante esse período de décadas, a AGB-POA estabelece forte diálogo com os professores das redes estaduais, municipais e particulares, ampliado significativamente com a atuação associativa de professores de todos os níveis, seja de Porto Alegre, seja do interior do estado. Assume-se um direcionamento para discussão da Geografia e da Educação sem desconhecer as lutas territoriais e ambientais. Suas diretorias foram

⁴ Ver: <https://agb.org.br/wp-content/uploads/2024/05/Nota-AGB-PORTO-ALEGRE-TRAGEDIA-ANUNCIADA.pdf>.

⁵ Eventos climáticos e expropriação: Rio Grande do Sul 2024, o que a Geografia tem a dizer? Canal da AGB Youtube: (<https://www.youtube.com/watch?v=0F32K9wxdYU>); ver também: Eventos climáticos e expropriações: como a educação pode contribuir para essa reflexão? (<https://www.youtube.com/watch?v=sbTQzspoxyk&t=3s>).

compostas majoritariamente por professores e vários foram os professores da educação básica presentes nas diretorias e nas comissões de trabalho da AGB.

Através do tempo, grande tem sido a atuação da AGB, destacando-se temas como as questões profissionais relacionadas à formação de bacharéis em Geografia e a relação com o CREA, as demandas trazidas por debates territoriais e ambientais e, fundamentalmente, as discussões sobre mudanças na educação e no ensinar em Geografia, frente à renovação crítica.

Relacionadas à formação de professores, a AGB - POA destacadamente trabalhou junto às reivindicações, propondo a extinção dos cursos de licenciatura curta de Estudos Sociais e atuando em diversas outras questões relacionadas às políticas públicas e aos fazeres educacionais. Foi intensa a presença da AGB-POA em debates relacionados à importância da presença da Geografia em currículos municipais ou estaduais no RS.

A AGB Porto Alegre, ao longo de seus 50 anos, promoveu inúmeros espaços de debate e de formação, contribuindo significativamente para a Geografia Brasileira. Sua presença nos debates das gestões coletivas da Diretoria Executiva Nacional da AGB promoveu aprendizados políticos fundamentais aos seus associados e, ao mesmo tempo membros da AGB Porto Alegre. Diretores locais participaram de diretorias nacionais e foram presidentes da AGB Nacional. Como uma seção local da Associação de Geógrafos, produziu o espaço da política na Geografia, alavancou e provocou debates nas escalas local, regional e nacional. Contribuiu também na sistematização dessa discussão com várias publicações, principalmente o já citado Boletim Gaúcho de Geografia, que ganhou em 2024 a sua edição catalogada como volume 49, número 2.

São ao todo 38 edições dos Encontros Estaduais de Geografia no Rio Grande do Sul, que chegaram a mobilizar cerca de mil pessoas em algumas edições.

A AGB Porto Alegre segue em articulação com as pautas nacionais e locais no campo da educação e da questão agrária e ambiental, estando presente em conselhos e representações, assim como movendo ações coletivas no questionamento sobre as demandas das vagas e a disputa por alcançar perfis de profissionais do campo da Geografia. Precisamos de nossos associados para ampliar as pautas e, ao mesmo tempo, não enfraquecermos os focos estabelecidos.

A AGB POA vem na busca de sua reorganização. De um lado, sofre as consequências da perda de sua “massa de associados”, os professores estaduais, municipais e da rede particular de ensino. De outro, assiste o progressivo afastamento dos professores universitários atraídos pela diversificação dos rumos da produção do conhecimento, diversificação que contraditoriamente abriga também a fragmentação. Os estudantes universitários se dividem em múltiplos interesses para os quais, talvez, não vejam respaldo na associação. E assim chegamos quando a AGB-POA completa seus 50 anos.

Vivemos a constante desordem crescente, a recorrente ameaça da anomia social. É preciso reconhecer e construir as estratégias para superar essa conjuntura.

Este relato não é de desesperança, é quiçá um chamamento aos professores, bacharéis e alunos de Geografia à reflexão. O momento atual exige a retomada do diálogo na diferença, como muito nos ensinou o convívio com essa associação. AGB é herança, patrimônio e memória a ser preservada. Ao mesmo tempo é movimento e transformação, o que se expressa por exemplo, na mudança de significado de suas siglas: AGB passou a ser Associação Nacional de Geógrafas e Geógrafos, ENG se tornou Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos. Envolver-se na continuidade de seu processo é demonstrar responsabilidade com esse legado cuja contribuição, seja local ou nacional, é da maior importância no conhecimento deste vasto território que é o Brasil.

Que a AGB VIVA por muitos anos como um espaço de formação, da política e do debate da Geografia. A AGB somos todas, todes e todos nós!

Unicamente Por Causa Da Desordem Crescente

Bertolt Brecht

Unicamente por causa da desordem crescente

Nas nossas cidades com suas lutas de classes

Alguns de nós nestes anos decidimos

Não mais falar nos grandes portos, da neve nos telhados,
das muralhas,

Do perfume das maçãs maduras na despensa, nas impressões da carne,

De tudo o que faz o homem redondo e humano, mas

Falar só da desordem

E portanto ser parciais, secos, enfronhados nos negócios
Da política, e no rádio e "indigno" vocabulário
De economia dialética,
Para que esta terrível pesada promiscuidade
Das quedas na neve (elas não são só frias, nos bem o sabemos),
Da exploração, da tentação da carne e da justiça de classes,
Não nos leve a aceitação deste mundo tão diverso
Nem ao prazer das contradições de uma vida tão sangrenta.
Vocês entendem.

HOMENAGEM AO PROFESSOR GERVÁSIO RODRIGO NEVES

Rosa Maria Vieira Medeiros¹

Este é um momento importante quando nosso Curso de Geografia celebra seus 80 anos. Nada mais significativo do que homenagearmos aqueles que participaram de nossa formação geográfica, ou seja, que fizeram parte da construção de nosso conhecimento. Foi com muita honra que recebi o convite para homenagear o Prof. Gervásio Rodrigo Neves. Professor, conselheiro nos momentos difíceis, mas sobretudo um incentivador no sentido de enfrentarmos novos desafios e de não titubearmos diante dos mesmos.

Fui buscar coisas de sua vida pensando não só na Geografia, mas na pessoa que foi e que encontrei no seu artigo “Tempos de construção, de esperanças e de utopias”. Me mostrou descobertas as quais me identifiquei como, quando afirma da dificuldade em separar sua vida do Curso de Geografia da UFRGS pois, segundo ele, tudo o que fez foi resultado desse tempo amalgamado da e na “faculdade”.

Sua história começa em 1959 quando ele e o Prof. Casemiro Jacobs entraram no curso. Conviveu com o Prof. Raphael Copstein que, na França, foi orientado por Bernard Kaiser e que foi membro da banca de sua seleção; Alba Gomes que foi para França estudar em Strasbourg com Jean Tricart, sendo, também ela, precursora das modernizações na Geografia naquele momento em que ela se separava da História. E não poderia deixar de mencionar o seu convívio com o então jovem pesquisador francês Raymond Pebayle que se tornou seu grande e inesquecível amigo.

Foi um período (1959-1962), segundo nosso homenageado, de muita agitação intelectual e que se embasava em esperanças e utopias destruídas pelo golpe de 1964.

Mas o Prof. Gervásio foi, assim como muitos, um aluno trabalhador. Trabalhou na prefeitura, foi jornalista nos jornais locais e estudava. A vida seguiu seu rumo, casou-se, teve filhos, se tornou professor no Colégio de Aplicação e a convite de Raymond Pebayle começou a lecionar, no curso de Geografia, as disciplinas de Geomorfologia e Geografia

¹ Professora no Departamento de Geografia e no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Regional, ou seja, em 1964 tornou-se professor auxiliar de ensino no Curso de Geografia. Mas, a censura começou de forma invisível, inicialmente, embora presente com muita força no cotidiano daqueles que vivenciaram o período de 1964 até 1986.

A Geografia sofreu, seus projetos foram congelados, não havia agências financiadoras atuando, ao contrário da Geologia, considerada como estratégica para a proposta do governo militar.

A Geografia se fechou em sua modéstia acompanhada de forte autocrítica que se refletiu na produção acadêmica e no envolvimento com projetos.

Mas, fora dos muros que cercavam a Geografia, novos projetos ao nível individual, se desenvolviam tais como o do Prof. Raphael Copstein sobre a Análise da População do Rio Grande do Sul, em convênio com a Secretaria de Obras Públicas. Importante destacar é que, esta pesquisa deu origem a muitas outras realizadas nos anos 70.

Nesse período os planos diretores passam a fazer parte do trabalho do Prof. Gervásio, que em 1967 participou, junto com arquitetos urbanistas, do Plano Diretor de Pelotas que recebeu medalhas de prata e bronze no Salão de Arquitetura. Foi desse grupo que nasceu a Organização e Planejamento Ltda. (ORPLAN). Essas, eram atividades paralelas ao Departamento de Geografia e foi por lá que passaram muitos dos planos diretores tais como o de Passo Fundo, Santa Maria, Santa Maria do Herval, Parobé, São Borja, entre outros.

Avançando em sua carreira acadêmica, foi marcante a orientação que o Prof. Gervásio recebeu de Aziz Ab'Saber no mestrado realizado na USP em 1974. E, em 1978, concluiu sua Livre Docência na Universidade Federal de Minas Gerais. Segundo o Prof. Gervásio, este período se constituiu, para ele, como um doloroso processo de sobrevivência.

E foi, exatamente nesse período, entre 1975 e 1979 que conheci o Prof. Gervasio, enquanto aluna do Curso de Geografia da UFRGS. Período este muito difícil, com muitas limitações pois, era frequente ouvirmos de nossos professores que se a situação não fosse esta que estávamos vivenciando, eles, nossos mestres, passariam a nós o conhecimento de outra maneira, com outro olhar geográfico.

O Prof. Gervásio ensaiava este olhar, sempre receptivo em seu gabinete de trabalho, aberto a novas ideias as quais nem sempre podiam ser postas em prática, dado o período político que vivíamos. Lembro, que passamos por mudanças curriculares após

termos vencido a solicitação de trazer a Geomorfologia para ser ministrada por geógrafos, professores de nosso Departamento. Minha turma foi a precursora dessa mudança e Geomorfologia 1 nos foi ministrada pelo Prof. Gilberto Lazare da Rocha e na sequência, Geomorfologia 2, pelo Prof. Gervasio Neves. Este foi um momento que marcou mudanças importantes, pois passamos a ter o olhar da Geografia presente nessas novas disciplinas do curso.

Não posso deixar de mencionar que o Prof. Gervásio, a convite da turma, foi nosso paraninfo em 1979.

Ainda, com referência a sua trajetória, cabe lembrar sua passagem pelo IBGE enquanto Delegado Regional, aqui em Porto Alegre.

E, este foi um momento importantíssimo para a Geografia pois o Prof. Gervásio abriu as portas do IBGE para eventos, palestras e as mais diversas atividades acessíveis aos alunos e professores do Curso. Nossas relações com colegas de outras universidades foram se criando e se consolidando. A geografia da UFRGS estava no IBGE.

Outro destaque nesta caminhada é sua atuação junto ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, onde exerceu inclusive a função de Presidente a partir de 2001.

Cabe ressaltar, dentro dos temas por ele pesquisados, seu interesse e dedicação aos estudos de fronteira, o que lhe possibilitou publicar livros, artigos e organizar eventos. Foi num desses eventos organizado em Santana do Livramento que fui apresentada ao Prof. Raymond Pebayle, convidado pela organização do evento, da qual fazia parte o Prof. Gervasio. Este momento marcou minha trajetória pois, Pebayle, se tornou meu orientador de doutorado e não esqueço as palavras do Gervásio: não decepcione o Pebayle, representas o sonho dele de orientar um brasileiro. Fui fiel a estas palavras e sempre que falo de meu orientador e amigo que foi, a emoção toma conta e muitas lembranças afloram. Por isso, agradeço ao Prof. Gervásio pela confiança em mim depositada e pelo caminho aberto no qual transitei levando nossa referência acrescida das novas experiências e conhecimentos apropriados. Meu agradecimento é eterno.

Mas, cada um de nós ao passar pela Universidade deixa suas marcas, Gervasio criou o Laboratório de Estudos Regionais (LER) que acabou se transformando no Laboratório de Espaço Social (LABES); atuou no Programa de Pós-graduação em

Geografia (POSGEA) e no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional/Arquitetura (PROPUR) orientando mestrandos e doutorandos.

Talvez não tenha falado tudo, mas espero, com esta breve homenagem, reafirmar o que disseste Gervásio: “descobrimos, com o passar dos anos, as circunstâncias que foram nos moldando; descobrimos que não fomos capazes de ser heróis, nem covardes, mas descobrimos, sobretudo, nossa forte relação com a instituição que nos acolheu, na qual deixamos nossas marcas, nossos “arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras”. E o mais importante é que elas, as instituições, têm as nossas feições, são a nossa imagem e compreendo perfeitamente quando afirmaste Prof. Gervásio o quanto é difícil separar nossas vidas do Curso de Geografia da UFRGS. Muito obrigada, Gervásio.

PARA A MESTRA, NEIVA OTERO SCHÄFFER, COM CARINHO E ADMIRAÇÃO

Nestor André Kaercher¹

Saúdo todos os que me lerem,
Tirando-lhes o chapéu largo
Quando me vêem à minha porta
Mal a diligência levanta no **cimo do outeiro**
Saúdo-os e desejo-lhes sol,
E chuva, quando a chuva é precisa,
E que as suas casas tenham
Ao pé duma janela aberta
Uma cadeira predilecta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
(FP, Guardador de Rebanhos, poema I)

Prezado/as colegas

Saudações calorosas a todo/as que nos dão a honra da escuta. Permitam-me escrever na concordância tradicional, no masculino. Concordo que a linguagem não é neutra, manifesta relações de poder, mas aqui seguirei o convencional: a concordância no masculino representando a totalidade. Penso que a leitura flui melhor.

Feito este esclarecimento queria, em 1º lugar, saudar esta iniciativa de homenagear profissionais com trajetória destacada em nossa área. Importante: homenagear EM VIDA. Longe de ser contra a bela ideia de tecermos panegíricos aos falecidos, mas mais leve e agradável é podermos render nosso tributo de admiração aos vivos, melhor ainda quando estão diante de nós, saudáveis e lúcidos. O contato presencial é uma benção, uma das claras aprendizagens que a pandemia nos legou.

¹ Professor no Departamento de Ensino e Currículo e no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Muito me honra – e não me pesa nada – ter a incumbência de fazer um pequeno texto em homenagem a Neiva Otero. Essas singelas e sinceras palavras querem render-lhe a justa homenagem e agradecê-la pelo privilégio de podermos desfrutar de sua convivência.

Muito seria possível escrever sobre essa figura notável, pois ela circula entre nós a décadas e sempre com intensidade e qualidade, marcando a todos com sua presença. O tempo disponibilizado, cerca de dez minutos, nem de longe tem a pretensão de fazer um panorama desta grande educadora. E aqui não se quer fazer um minicurriculo, pessoal ou acadêmico. Creio que aqui é espaço-tempo mais de celebração coletiva do que minúcias formais ou curriculares.

Daí, meu singelíssimo título: Para a mestra, Neiva Otero Schäffer, com carinho e admiração.

Mestra, porque este foi **e é** seu ofício principal entre nós. Palavra simples de dizer, mas que aqui, com certeza, revela a principal forma de contato que com ela tivemos: professora dedicada e estudiosa ao seu ofício. Daí decorre o carinho e admiração que o labor por ela exercido em nós provoca. A docência é profissão que desgasta e desmotiva muitos ao longo do tempo. Não é e nunca foi o caso da Neiva. Por ela ter carinho/gosto/paixão pelo ofício exerceu-o com, desculpe a redundância, mestria, dedicação e carinho. Só recentemente aprendi que Otero (outeiro em português) é monte pequeno e isolado em um terreno plano; montículo. Interessante etimologia: *altarium*, altar. Parece bem apropriado a figura da Neiva, uma elevação que nos permite ver mais longe, quem sabe, além dos nossos limites iniciais. Pode haver tarefa mais nobre a um(a) educador(a)? No caso dela, sim, um altar. Uma topologia adequada à Neiva Otero.

Ao receber a incumbência de fazer um pequeno texto para esta sessão, aceitei de imediato, assim como de imediato pedi ajuda para três conhecidos que com ela convivem: Francisco da Adimapas, Roselane Costella e Volmério Coelho. De pronto, ajudaram. Consenso? Neiva Otero é de uma energia enorme para o trabalho organizado e cooperativo. Neiva trabalha e faz os outros trabalharem. Agrega.

Antes de colocar algumas vivências que fazem lembrar a Neiva, falarei uma experiência pessoal. Não por acha-la de maior relevância, mas porque pode ser porta de entrada para os demais relatos.

Entrei na Licenciatura de Geografia nesta universidade (UFRGS) em 1985. Neiva foi uma das 1as professoras que tive na graduação, pois lecionava Geografia Humana I. Aqui se poderia falar várias coisas: pontualidade, organização, dedicação, seriedade, etc. Choveria no molhado. O que marcou a mim, egoisticamente falando: ali, no início do meu 1º semestre, Neiva falou clara e incisivamente de nós **nos associarmos à AGB**. Mas essa exortação não era feita no plano das ‘ideias’, das nuvens, dos pensamentos desejosos. Neiva sempre foi ‘pé no chão’, pragmática, efetiva e ativa: já nos deu a ficha de inscrição, porque ela já era diretora da associação. E foi o que eu fiz: me associei naquele semestre. E, consequência disso – e da continuidade do trabalho dela – naquele ano fui no meu 1º encontro estadual de Geografia na cidade de Rio Grande. Com esse prosaico exemplo quero destacar algo que é a **LIDERANÇA nata** da Neiva. Ela não discursa, não muda o mundo por palavreado, não é nefelista. Ela faz. **Ela dá o exemplo. Ela é exemplar.** E aqui, ao elogiá-la por isso (que nada tem a ver com ‘tarefismo’, ativismo, pois ela sabe muito bem onde e como chegar), faço uma pequena auto-crítica e confissão: eu não era, na época, ‘fã’ da Neiva, pois na minha juvenília – entrei no curso aos 19 anos – ela não era ‘vermelha’, ‘de esquerda’ e isso poderia soar como alguém que lutava em ‘outra trincheira’. Sim, era época de uma militância meio verborrágica, o vocabulário era de guerra. Talvez nossa guerra fosse meio imaginária – porque revolucionário nunca fui – uma certa inevitabilidade com a metáfora de combater ‘moinhos de vento’ que nos remete ao monstro Cervantes. Otero, outeiro, não é gigante, mas nos ensinou a ver mais longe. Ensinou-me a não militar sectariamente, mas isso levei ainda mais um tempo para aprender.

Outra memória que me vem à mente – pois é, eu também estou ficando velho e velhos acumulam memórias – é a ocasião em que ela foi homenageada em um encontro estadual de Geografia (creio que Bento Gonçalves, início da década de 90 do ... milênio passado). Ao tomar a palavra, Neiva disse uma frase lapidar e que diz muito (e eu a repito amiúde). Mais ou menos assim: “Agradeço a homenagem. Não sei se a mereço. Isso é com vocês. Só sei que estou muito feliz!” Por trás de uma possível modéstia, o que é característico dela que, muitas vezes, age discretamente incentivando a vez e a voz das novas gerações, **há uma pessoa realizada profissionalmente**. E, nossa, isso faz uma baita diferença: **fazer o que se gosta é fundamental. E isso transparece na Neiva**. Por

isso que ela traz consigo, seguidamente, um sorriso que é discreto, mas é **constante de quem faz bem feito** o que ela planeja e, por isso mesmo, colhe os frutos do seu labor.

Neiva já esta oficialmente aposentada faz uns anos (esqueçam as contas) porque isso, com ela, é uma mera palavra. A Neiva não para. O exemplo mais facilmente destacável (e, meritório, sem dúvida) é a dedicação que ela faz à FUNDAÇÃO DO COLÉGIO JÚLIO DE CASTILHOS, onde, com um grupo de outras ‘aposentadas’, faz uma série de atividades que aqui não se precisa citar), mas que tentam diminuir o grande desmonte daquela que já foi uma instituição de ensino público excepcional e que está, como quase toda a educação pública – do RS, e porque não dizer também de POA – em doloroso processo de sucateamento. Neiva e colegas, muito obrigado pela ação digníssima de vocês em prol da educação pública de qualidade também para os menos favorecidos!

O que impressiona é sua presença marcante e insistente nos corredores infinitos do Colégio Julinho. Quando Neiva, nos chama educadamente, pelo telefone, sabemos que ela está fazendo mais uma tentativa de sonhar aqueles alunos. Neiva e Julinho se misturam. Os fios resistentes que tecem esta mulher compondo seu corpo e sua alma, teçeram tantos outros que com ela aprenderam. Não nos referimos somente à Geografia! Estamos falando da vida. Estas ações comprovam que a Neiva continua escrevendo sua história-geografia e ensinando, isto é, inserindo marcas, na história-geografia dos que com ela convivem.

Aqui já agrego relatos informais dos colegas citados (Chico, Rose, Volmério): **Neiva articulada, bem informada**, sabendo quais os passos e contatos necessários para fazer as coisas acontecerem com sucesso e menos sofrência. Característica de uma boa educadora que ela é: sabe o que quer fazer, sabe onde quer chegar! **Neiva engajada**. Isso foi uma percepção muito clara ao trabalharmos com ela na AGB Seção Porto Alegre. Repetindo: **a Neiva faz acontecer**.

O mesmo protagonismo foi destacado pelo Chico. Ele a considera uma ‘grande incentivadora da Adimapas’. “A Neiva me incentivou a participar de encontros fora do Rio Grande do Sul e isso foi muito bom!”! Sim, há muitas décadas – olha o tempo de novo na narrativa – ela é o que hoje, mais recentemente, chamamos de EMPREENDEDORA. A Neiva, então na AGB/POA que recomendara ao Chico se aventurar para além do RS – presença constante nos Encontros Estaduais de Geografia – participar de evento

nacional, no caso no Nordeste brasileiro saindo do RS para conquistar novos mercados. Grande Adimapas, afinal, manter uma empresa com este nicho – vender mapas e produtos pedagógicos – por décadas não é tarefa simples. **Neiva lumiar**, simples: Vai, Chico, apresentar tua Adimapas fora do RS. **Neiva muito geógrafa!**

Não tenho dúvida que basta escutar outros colegas que com a Neiva convivem/conviveram para que muitos exemplos concretos – e positivos – da atuação dela virem à tona. Por isso, é com muita satisfação – E AGRADECIMENTO – QUE estamos aqui reunidos para homenagear esta grande educadora.

Obrigado, Neiva. É com alegria e humildade que contigo convivemos e aprendemos. Para ser grande não é preciso escalar o Himalaia ou ser Atlas. Tentemos ser oteros, outeiros.

HOMENAGEM AO PROFESSOR CÉSAR

Lembranças do Amigo César

Paulo Roberto Rodrigues Soares¹

Conheci o César ao ingressar na graduação da FURG, em março de 1984. Ele havia ingressado um ano antes, na turma de 1983. Ambos de 66 ingressamos na graduação com 17 anos. César completando aos poucos dias de ingressar, eu ingressando três meses depois. Fomos contemporâneos dos corredores do Pavilhão 6, onde as aulas da Geografia ocorriam no período da tarde. Aos poucos fomos nos conhecendo e compartilhando alguns interesses em comum, especialmente pelo que na época se chamava “Geografia Crítica”, além de sermos torcedores do Sport Club Internacional.

Um episódio interessante, que sempre conto para as pessoas foi quando eu e o César decidimos ler o livro “O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo”. Queríamos saber mais de Milton Santos e o título nos chamou atenção. Na época havia uma revista mensal que líamos chamada “Cadernos do Terceiro Mundo”, foi muito importante para as aulas de Geografia de toda uma geração de professores e professoras. E isto (o título) nos levou ao livro do Milton. Semanalmente sentávamos na biblioteca e tentávamos, tentávamos mesmo, ler um capítulo. Foi difícil, mas nos aproximou um pouco mais do trabalho de Milton Santos e de nossos interesses de pesquisa.

Ainda na graduação outros dois episódios: primeiro, o César foi o responsável por minha primeira experiência em sala de aula. Ele já como professor do Colégio Salesiano em Rio Grande teve um pequeno “acidente” no futebol e quebrou a perna. De licença médica, pois estava praticamente imobilizado, me chamou para ser seu professor substituto. Fiquei com as turmas da “oitava série” por um mês. Alguns anos depois ele me lembrou que entre meus “alunos” estavam um atual professor da Furg, portanto colega nosso (de outra área) e o atual Prefeito de Rio Grande! Ele mesmo!

¹ Professor no Departamento de Geografia e no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Poucos meses depois eu pude “retribuir” esta experiência para o César. No final de 1987 organizamos a Primeira Semana Acadêmica de Geografia da FURG! Esta que hoje já tem mais de 30 edições! Foi um sucesso, as grandes atrações nacionais foram o professor Ruy Moreira (em sua primeira vinda à Rio Grande) e a professora Dirce Suertegaray! Um expoente da geografia humana e uma eminência da geografia física! No último dia fizemos um debate com os colegas egressos e sua atuação profissional: convidei o César para falar sobre a atuação do professor nas escolas públicas e privadas. A fala dele, como seriam muitas, foi incisiva e polêmica! Mas foi um sucesso na semana acadêmica!

Após a minha formatura me mudei para São Paulo, mais especificamente Mogi das Cruzes na Grande São Paulo. Fui trabalhar como professor na rede pública e privada. Mantivemos contato sempre, na época com cartas, algumas que guardamos durante anos, que envolviam textos, recortes de jornais (um recorte com um artigo da Folha de São Paulo naquela época valia ouro por aqui), rótulos de cervejas “conquistadas”, santinhos de campanha política, entre outras relíquias mais.

Em 1989 César ingressou como professor da FURG e eu fiz a seleção para o mestrado em Geografia na Unesp Rio Claro (iniciado em março de 1990, junto com o confisco da poupança do Collor). Comemoramos juntos nossas novas condições profissionais.

Em 1991 o César estava em busca de orientação para o mestrado na USP. Por conta disso ele foi até o II Simpósio Nacional de Geografia Urbana, que foi realizado em Rio Claro, onde eu já cursava o mestrado. Como bons geógrafos fomos de São Paulo (Estação da Luz) à Rio Claro de trem, da extinta Ferrovia Paulista (FEPASA), com direito à A la Minuta com cerveja no vagão restaurante! Ali César teve a primeira aproximação com a futura orientadora de mestrado, a professora Odete Seabra.

Em 1992, ele já na USP e eu residindo em Mogi das Cruzes, mas trabalhando em São Paulo também nos encontrávamos frequentemente, nos finais de semana, em eventos na USP ou outras universidades. Participamos ativamente do Fora Collor, fomos à passeatas e comícios pelo Impeachment.

Em 1993 prestei concurso e ingressei como professor da FURG. César ainda estava em São Paulo realizando o mestrado. Ele me deu as dicas iniciais de "comportamento" como professor da FURG, na época em uma transição geracional, dos

primeiros professores, para a nova geração, que éramos nós. Me apresentou o Luiz Fernando, com quem passei a dividir sala de permanência. Neste ano ainda fomos juntos, de ônibus pela Via Dutra, ao 3o. Simpurb, na UFRJ.

No retorno do afastamento do mestrado realizamos atividades, debates, discutimos mudanças curriculares, mudamos o curso para o noturno, mas o horizonte do doutorado era mais importante. Realizamos um ambicioso plano de saídas para o doutorado, Luiz Fernando, eu, Susana, Solismar, César, todos em um curto prazo deveríamos ser doutores e qualificar a Geografia da FURG. Enquanto uns estavam fora outros estavam sobrecarregados de disciplinas, mas estava tudo combinado!

Após todos se doutorarem foi possível iniciar a discussão do mestrado em Geografia. Lembro que participei do ENANPEGE de 2003 em Florianópolis para conversar com docentes de outros programas consolidados em busca de subsídios para a nossa construção. Eu e o César, pois na época ele cursava o doutorado na UFSC.

Depois de doutorados eu e a professora Ivana Nicola, doutora em História da Arte pela Universidade de Barcelona fundamos o NAU - Núcleo de Análises Urbanas, já com as portas abertas para a Susana, o Solismar e o César, que integrariam ao grupo após retornarem de seus doutorados. Estamos falando de 2004.

O NAU desenvolveu uma série de pesquisas sobre as questões urbanas de Rio Grande. O NAU teve projetos, bolsistas, criou uma outra dinâmica de convivência no dia-a-dia da Geografia da FURG. E ações de extensão, destacando as intervenções na discussão do Plano Diretor de Rio Grande e nos processos de regularização fundiária, atividades básicas para a política habitacional. Este era um tema muito caro César que desenvolveu projetos de pesquisa e extensão sobre este tema, também com a presença da professora Leda Bonfiglio, pós-doc na Geografia da FURG e hoje professora da UFF, que posteriormente integrou o NAU.

Mas também temos que destacar as Quintas Urbanas, o seminário de debates que criamos com o NAU. Inicialmente a ideia era realizar rodas de conversa nas quintas-feiras no final da tarde, entre um turno e outro das aulas, para possibilitar a presença do público. Os temas eram os mais variados, desde questões teóricas, apresentações de teses e dissertações, presença de atores sociais, artistas, enfim, um debate mais livre a exemplo dos cafés filosóficos geográficos.

Porém o evento cresceu e o César conseguiu trazer grandes nomes da pesquisa e da questão urbana brasileira para a FURG como Arlete Moisés, Raquel Rolnik e Ermínia Maricato. As Quintas Urbanas repercutiram e geraram livros dos seus conteúdos. Também fizeram parte das publicações do NAU o CaderNAU, revista de artigos científicos que infelizmente foi descontinuada.

Depois da minha saída da FURG e ida para a UFRGS continuamos amigos e também colegas de trabalho realizando parcerias de pesquisa e publicações.

O César foi uma grande pessoa, uma grande personalidade, um grande personagem!

Como professor foi competente, comprometido, sempre querendo levar o curso de Geografia, a graduação e a pós para frente, conectar a FURG aos grandes centros e aos grandes debates da Geografia. Participou da AGB e incentivava os estudantes a participarem. Diversas vezes fomos para os Encontros Estaduais (Ijuí, Passo Fundo, Santa Cruz, Porto Alegre...) com a turma nos ônibus da FURG.

Como pesquisador sempre demonstrou esforço, competência, capacidade e comprometimento da pesquisa com a realidade social, com a população desfavorecida, com a necessidade de superar as desigualdades da nossa sociedade.

No mestrado estudou a questão da pesca artesanal no Estuário da Lagoa dos Patos desde uma perspectiva geográfica e lefebvriana. Havia na FURG uma predominância das ciências biológicas na leitura da pesca artesanal e o César engajou-se neste olhar geográfico e social da questão, colocando homens e mulheres no centro da discussão e não "o camarão" como costumávamos dizer!

No doutorado estudou a indústria da pesca no Brasil, mudou de escala, para a escala nacional, mas não o propósito, entender este uso do território brasileiro, esta indústria contraditória, que se modernizava, se tecnologizava, mas que mantinha o pé no atraso, nas relações sociais de produção, nos modos de obtenção da matéria-prima.

Tanto em um como no outro a ideia era esta: entender a nossa sociedade do ponto de vista da Geografia, desvendar as nossas contradições. O ponto de vista era o do geógrafo que era, mas isso não prescindia de uma base teórica de história, economia, filosofia, sociologia, que ele construiu com muita competência, algum sofrimento também, mas que era própria dele e se materializava na sua imensa biblioteca!

Também tinha muito interesse em interpretar esta cidade, a sociedade riograndina que via também como um microcosmos do Brasil, cheia das modernidades do Porto e dos Terminais portuários e tão desigual com a permanência das relações sociais "atrasadas" da dominação da pesca artesanal. Mas também ele via possibilidades, vida, nos pescadores e pescadoras, no proletariado rio-grandino (e por isso ele era torcedor do Riograndense, o clube operário ele dizia), nos movimentos sociais.

Nos 36 anos que convivi com o César foram incontáveis as conversas, os almoços, as jantas, as mesas de bar, as madrugadas conversando, resolvendo os problemas da Geografia e do mundo. Muitas vezes ainda me pego pensando em "o que o César diria sobre isso", especialmente pelo momento que estamos passando de ascensão da ultradireita e das possibilidades reais dela retornar ao poder. Também das mudanças que estão ocorrendo na academia, nas ciências humanas, na Geografia. Ele já tinha algumas opiniões, mas não teve tempo de explaná-las.

César, o cabeludo do Lar Gaúcho, com certeza, deixa saudades e faz muita falta!

Rio Grande (RS), setembro 2024.

Meu Caro César

Luiz Fernando Mazzini Fontoura¹

Creio que tivemos um rápido contato no dia que saiu o resultado do concurso da Furg em janeiro de 1989. Nos cumprimentamos pelos primeiros lugares, César em Geografia do Brasil, eu, em Geografia Humana.

Voltamos a nos encontrar no primeiro dia de trabalho, já como contratados pela Furg, e nos colocaram, nós dois mais Gisele e Marcelo, em um grande laboratório com as mesas voltadas para a parede. E assim permanecemos durante um bom tempo. Creio que o Marcelo sugeriu que poderíamos virar as mesas e ficar de frente. Daí começamos a falar um pouco de cada um de nós. Os três já se conheciam do curso de Geografia da Furg, eu era o estrangeiro em terras papa-areia. E assim ensaiamos um pouco de trajetória de vida e perspectivas dentro da carreira universitária.

Ao final do primeiro dia de expediente, fim de tarde, César me perguntou o que eu ia fazer. Eu lhe respondi que nada! Então me convidou se eu topava comer um legítimo bolinho de peixe rio-grandino o Bar Ao Magrão. O nome se referia ao filho do dono, esposo da senhora que fazia a maravilha gastronômica. Topei! Feliz! Ao entrar no ônibus cruzamos pela Luísa, sua companheira, a que fui apresentado, e servindo de álibi para irmos ao bar, nos despedimos rindo, como quem previsse que esta cena se repetiria inúmeras vezes, assim, tipo $n+1$ vezes!

No cardápio, além dos bolinhos maravilhosos, cerveja (não me lembro, mas naquela época boteco bom servia Kaiser, e no inverno Kaiser Bock) e muita geografia, currículo do curso – começamos bem, vamos mudar o currículo do curso – mestrado e leituras de Milton Santos, e aluguel de inverno na Praia do Cassino, mas daí tem que sair no verão ou pagar o aluguel de veraneio, tarefa quase impossível com o pequeno salário que iríamos receber no fim do mês por serviços prestados como Professor Auxiliar I.

Desde o nosso primeiro encontro ficou patente o compromisso com a Geografia de uma forma geral. Tanto do ponto de vista da ciência como do curso. César manifestava um comprometimento seríssimo com estas duas vertentes. Isso ficou claro na primeira

¹ Professor no Departamento de Geografia e no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

reunião do Geolab – o Laboratório de Geografia – o “Departamento de Geografia” na estrutura do Departamento de Geociências. O outro se chamava Log, o Laboratório de Geologia. Este dava suporte geológico para a Geologia Marinha, do Curso de Oceanografia, a “menina dos olhos” da Furg. Daí já viu né, a sombra que isso fazia. Tinha época que não se via o Sol para a gente, era só o curso de Oceano. Depois sabendo lidar, dava para pegar umas caronas com eles(as).

Em nossa primeira reunião do Geolab mostrou que a mudança vinha para ficar. Questões que eram levantadas e tidas como certas entre os colegas mais antigos, passaram a ter três abstenções, César, Jeca (o representante discente) e eu. Nos olhávamos e... abstenção! Estas começaram a se tornar votos contra e em seguida votos contra com argumento. Assim começou a cimentar uma militância conjunta que se estendia até a Aprofurg, a nossa Associação. Não foram poucas as peleias travadas! E como não tínhamos telefone nas casas alugadas por temporada de inverno, muitas vezes nos encontrávamos no final da manhã, de bicicleta, para um mate e acertar a pauta das discussões da tarde, ora na casa de um, ora na casa do outro, com a presença dos cachorros Gardel, Wolverine e Bonovox, que participavam ativamente.

O curso de Geografia que encontramos estava, digamos, acomodado. A expectativa de boa parte dos alunos e alunas era obter um diploma que valorizassem suas carreiras no magistério. Entramos nas vagas da ampliação do oferecimento do novo curso de Bacharelado em Geografia. Mas queríamos muito mais. Formar discentes capazes de ingressar em cursos de mestrado fora do estado, tivessem uma perspectiva mais ampla daquela oferecida até então. Quando foi proposto o trabalho de conclusão de curso para a licenciatura houve uma revolta no alunado, e alguns professores também. Eu era chamado, nestas ocasiões, de estrangeiro, não sabia como a banda tocava lá (no Rio Grande!), este tipo de coisa só valia em Porto Alegre. Mas o César, coitado, sofria muito mais, pois era Rio-grandino da gema, do Lar Gaúcho: como explicar aquele comportamento forâneo? No começo, quando éramos os dois não foi fácil. Depois somaram-se Susana (Suca), Paulinho, Rossana, Solismar, entre outros e outras, e de outros departamentos que vieram dar apoio nas disciplinas oferecidas. Como o inesquecível Vitor Hugo, filosofando nos mares geográficos. Final da década de 1990 já tínhamos dignos e dignas representantes da Geografia furguiana aprovados nos cursos

de Pós-Graduação em Geografia na UFRGS, UFSC, USP, UFRJ, espalhados pelo Brasil. Foi duro, mas foi.

Sobre o estrangeirismo, desde logo, não apenas pelo episódio do Ao Magrão, mas César e Luísa nos acolheram como pessoas da família. Passeava com eles de bicicleta pelo Cassino, com a Natália ainda muito criança, para conhecer os lugares bacanas, que eram tantos, que a mocinha às vezes dormia na carona da bicicleta. Aniversários, churrascos, passeios, diminuíram a distância da diferença de idade e de vivência que nos separava, nos tornando próximos até o último momento. Nunca deixamos de nos falar, de se ver sempre que possível, de arrumar uma desculpa qualquer para poder se ver e conversar. Nem sempre foi um mar de rosas, é claro! Mas uma grande amizade se constrói com o tempo, e pela superação das discordâncias, pelo número infindável de vezes em que foi bom ter convivido, pela conclusão de que vale a pena ter vivido aquelas experiências de trocar ideias, de se ver, de se abraçar!

Não posso deixar de trazer aqui um primeiro de maio, em 1990, em que fomos César, Luísa, Natália, Carmen e eu. Fomos fazer um piquenique nas quebradas do Recanto dos Coswig. Fogo feito, mate em punho, fizemos uns “choripans” para acompanhar as delícias do lugar. César com o joelho imobilizado, como muitas vezes aconteceu, era sem dúvida o seu ponto mais fraco! Pelo resto de nossas vidas nos cumprimentávamos no dia primeiro de maio, não importa onde estivéssemos: pelo meio da manhã, tocava o telefone, era o César saudando o Dia do Trabalho. E assim se passaram muitos anos. César dizia que eramos pagos com a mais-valia social para sentamos a bunda em uma cadeira e estudar. Depois viria o resto, mas estudar sempre! Esse era o nosso trabalho: estudar!

Quando César passava por Porto Alegre, e das muitas vezes que esteve, não tinha vez que não trouxesse uma latinha de sardinha ou outro pescado e dizia: aqui está a proteína animal, a menos de um dólar! Aliás, as latinhas de sardinhas de Lisboa encantaram o meu velho amigo, que contava histórias de uma senhora que enrolava as latinhas em papel personalizado.

Rótulos em geral encantavam o César. Os de cerveja traziam toda uma geografia de onde eram feitas e o tipo de colonização. O modo de fazer as cervejas caracterizavam as pessoas e os lugares onde eram produzidas.

Já as de cachaça tem uma historieta prá contar. Eu pouco conhecia as cachaças do centro do país, mineiras principalmente, daí não apreciava muito. Quando César foi para o mestrado em São Paulo, alugou um apartamento em Pinheiros, perto do largo de mesmo nome. Em uma estada fui visitá-lo e César foi me mostrar os rótulos das cachaças que ele havia descoberto no mercado próximo. Prá quê, ao som da banda King Crimson – que ele havia comprado vários discos usados, pois era época se desfazer dos vinis – provamos toda a coleção, e eu saí de lá trocando as pernas literalmente! Bah! Foi demais!

Música e tragos dariam para escrever um livro de crônicas de nossas aventuras. E foi assim até o final. Na data de seu último aniversário, enviei uma mensagem de parabéns e nosso último papo foi sobre as bandas alemãs e a Kraftwerk. O movimento Krautrock não pude te mostrar, cada banda legal e não poderemos curtir juntos. Tinha a ver com o pós- guerra, tinha a ver com o rock inglês depois da Thatcher, mas isto ficará para depois, bem depois!

Foste nosso mais assíduo hóspede, que calçava os chinelos que trazia na bagagem ao entrar em casa. E aí está uma outra ideia de infinito, a falta de uma pessoa querida, da infinita saudade!

Abraço meu amigo, abraço meu Caro César!

Carta para César

Solismar Fraga Martins¹

Não é nada simples resumir em algumas laudas a convivência com um amigo e colega de trabalho no qual compartilhamos muitas experiências de vida e profissional por mais de 30 anos. Quando convidado para escrever este texto, mencionei ao Luiz Fernando que minhas primeiras convivências com o César não tinham sido das melhores, como relatado por ele e pelo Paulinho na relação de amizade construída. Na verdade, nosso primeiro contato se deu ainda no 2º Grau do Colégio Getúlio Vargas. Este colégio público alugava o andar superior do Colégio Marista São Francisco no centro do Rio Grande ainda no começo dos anos de 1980. Naquela época dois adolescentes que nem se conheciam ou tinham alguma proximidade, diferentemente da amizade que tinha com seu irmão, Paulo Henrique, no qual éramos mais próximos. Os irmãos Ávila Martins estudavam em séries diferentes e participavam de grupos distintos no ambiente escolar, o que não facilitava alguma aproximação com o César. Acredito que nosso primeiro contato foi curioso, já que naquela época eu já apresentava problemas de obesidade e como bom adolescente fazia umas dietas malucas. A Educação Física era ofertada no contra turno na parte da manhã e como fui mal alimentado para esta atividade acabei por desmaiar durante os exercícios. Nesta atividade era comum ou o grupo ser masculino ou o grupo ser feminino embora houvesse mescla entre turmas e séries. Após a minha queda fizeram alguma coisa que não recordo e quando acordei a primeira pessoa que visualizei na minha frente era um magrão de calção e camiseta com as mãos na cintura (tipo em forma de açucareiro) perguntando se eu estava bem. E eu ainda ruim da tontura e queda disse que acreditava que sim. Este foi nosso primeiro contato quando descobri depois que aquele era o irmão do Paulo Henrique. Outra lembrança da época foi quando Paulo Henrique me informou que o irmão tinha se formado no segundo grau e tinha entrado no Curso de Geografia da FURG. Na época perguntei se era para atuar como professor em escolas e ele respondeu que sim.

¹ Professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande e Professor no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande

Pouco tempo depois estava eu ingressando também no Curso de Geografia, ele na turma de 1983 e eu na turma de 1985. Não tivemos muito contato na época da graduação. Após formados cada um buscou seu espaço de trabalho seja em escolas públicas ou privadas. Na FURG César ingressou em 1989 como concursado e eu obtive um contrato como substituto, sob convite, para ministrar Cartografia durante esse ano. Já em 1991, juntamente com a Susana, ingressamos como professores permanentes, pois foram duas vagas abertas para o mesmo concurso. A banca era composta pelas nossas ex professoras Augusta Pereira e Susana Salum Rangel e o jovem professor César Martins. No correr da década de 1990 César cursou seu mestrado na USP e eu na FURG e durante praticamente a década de 1990 mantínhamos certa distância pois a relação não era um primor embora fosse melhorando durante o decorrer deste período. Em função da filha pequena e doença na família adiei meu afastamento para doutorado no qual tinha direito e nisto Marcelo, Luiz Fernando, Dário, Susana e Paulinho já se encontravam afastados. Ficamos nós os dois tocando o barco da Geografia Humana e alguns substitutos além dos professores da Geografia Física que eram poucos. Já no ano de 2000 ele ingressou no doutorado da UFSC na primeira turma e eu na segunda turma no mesmo programa de pós-graduação. Ambos morávamos no mesmo bairro, Itacorubi, lugar aprazível junto a um morro a caminho da Lagoa da Conceição. Hoje tomado pela verticalização, mas na época não era assim. Neste período já tínhamos uma relação bem mais amistosa até porque fui eu quem o substitui na coordenação da graduação para que ele pudesse sair para o doutorado um ano antes. Lá cursamos disciplinas juntos e nos visitávamos algumas vezes. Em outras eu reunia um pequeno grupo da UFSC no salão do prédio em que morava em almoços de domingo onde César também era convidado. Na época meus filhos, Camila com seis anos e Eduardo com três adoravam as brincadeiras que o César propunha quando aparecia por lá, já que os demais não eram muito afeitos com brincadeiras de criança.

Após o regresso à FURG, o César em 2002 ou 2003 e eu em 2004, fomos convidados pelo Paulinho para fazer parte do Núcleo de Análises Urbanas, juntamente com a Susana e a Ivana. Logo em seguida num café de final de tarde no Centro de Convivência organizamos o evento permanente “Quintas Urbanas”, no qual gentilmente propuseram que eu apresentasse a minha tese como a primeira palestra daquele evento. Anos mais tarde foi constituído o PPGGeo e muitas brigas internas no âmbito do

programa ocorreram, mas neste momento eu e César já nos alinhávamos do mesmo lado e isto nos aproximou. Em 2007 Luiz Fernando e Paulinho já se encontravam na UFRGS e esta aproximação entre nós foi aumentando juntamente com Susana que sempre foi amiga de ambos. Após assumir a coordenação do PPGGeo em 2010, permaneci neste cargo por dez anos, apenas interrompido pelo período de pós-doc em 2018. César sempre esteve presente em todas as atividades do programa e me auxiliou muito no período. Certamente a pessoa que mais atuou não só como coordenador adjunto, juntamente com a Jussara, mas que se interessava por tudo que dissesse respeito ao programa. Nisto já tínhamos ultrapassado a relação simplesmente de colega de trabalho e juntamente com a Susana tocávamos o NAU com eventos, orientações e pesquisas tanto na graduação quanto na pós-graduação. Nesta década do ano de 2008 até minha ida para o pós-doc em 2018 conversávamos muito, pois a coordenação do mestrado já no novo prédio do ICHI ele ia “assinar o ponto”, como eu dizia. No meio da tarde era certo que ele saia da sala de permanência do Pavilhão Seis e sempre passava na sala da coordenação da pós para conversar. A pauta ia de questões familiares a questões de trabalho e muitas outras coisas. Foram muitas conversas assim como tínhamos convivência em muitos finais de semana fora da universidade juntamente com Alice, Susana e Rossana e outros estudantes e professores.

Nas bancas de TCC e de mestrado quando sugeria aos meus orientandos convidá-lo para participar como membro muitos diziam que não, pois tinham medo devido a sua postura mais rígida e o rigor teórico e metodológico exigido. O que eu alegava aos orientandos é que o César era muito mais camarada nas bancas com os avaliados do que muitos docentes mais “bonzinhos” e que se tornavam mais rigorosos em bancas de avaliação. César podia destruir em argumentações um trabalho caso este estivesse ruim, mas colocava o braço por cima do graduando ou mestrando e o convidava para tomar um café pois todo aquele rigor não era pessoal e sim acadêmico.

No começo da década de 2020 veio a pandemia, a aposentadoria da Susana e a partida do César para outro plano. Coube a mim tocar o NAU sozinho naquele momento em meio a uma pandemia e onde após o retorno das atividades presenciais da FURG no final de 2021, apenas o NAU encontrava-se ainda no Pavilhão Seis e permaneceu por lá ainda por um ano e meio. O Seis foi um pavilhão histórico para Geografia no qual ele sempre defendeu nossa permanência naquele prédio. Aquele velho espaço estava e está

carregado de recordações materiais e memórias como resultado do trabalho de um grupo de professores que se dedicaram durante décadas para a Geografia da FURG. Me aconselharam que desistisse do NAU pois as coisas não seriam mais como antes e em parte é verdade, no entanto, as coisas se renovam e hoje o NAUC incorpora, além da Geografia de População e Urbana, elementos da Geografia Cultural e será a Juliana Franz que irá dar prosseguimento ao grupo de pesquisa iniciado em 2003 a partir do ano que vem. Relato tudo isto como recordação daquilo que foi feito e compartilhado por um grupo de professores que sempre buscou o melhor para os cursos de Geografia da FURG.

Duas marcas importantes do César para mim é que sempre foi alguém que viveu no tempo presente, nem no passado e nem no futuro. E outra de sua personalidade que ele mesmo gostava de dizer era que costumava se arrepender do que fez, mas dificilmente do que deixou de fazer.

Para terminar, em 2018 quando cheguei a Portugal fui me apropriando da cultura, da música e do modo de ser deles e nisto conheci muitas e belas canções totalmente desconhecidas no Brasil. Um mês e meio depois de estar lá meu pai faleceu aqui em Rio Grande e não pude vir e me despedir dele como deveria e a música Chuva, de Jorge Fernando serviu de alento para aquele momento triste. Trata-se de um fado moderno que apresenta uma bela melodia, mas também uma letra que traz em sua poesia a saudade e a melancolia da partida de pessoas que gostamos. Apresenta algo muito caro da Língua Portuguesa que é a palavra saudade. Me despeço recitando Jorge Fernando através de parte de sua obra denominada de “Chuva”.

As coisas vulgares que há na vida não deixam saudade

Só as lembranças que doem ou fazem sorrir

Há gente que fica na história da história da gente

E outras de quem nem o nome lembramos ouvir

São emoções que dão vida à saudade que trago

Aquelas que tivemos contigo e acabamos por perder

Há dias que marcam a alma e a vida da gente

E aquele em que tu nos deixaste não podemos esquecer

(...)

PARA CASIMIRO – NOS LEVEM COM CARINHO, AREIAS DO TEMPO

Nelson Rego¹

1951, o rapaz desembarca do ônibus, está diante da linha de silhuetas dos arranha-céus. Ainda ontem ele caminhava nas estradinhas de terra nos campos de todos os dias, avistando lagoas e banhados. Neste momento, Casimiro não sabe que, em breve, irá trabalhar no maior de todos esses prédios no Centro de Porto Alegre, que os jornais locais descrevem, com orgulho provinciano, como de perfil nova-iorquino. Aos 18 anos, ele veio completar o ginasial, o que, nos termos de hoje, equivaleria completar os últimos anos da educação básica. Ele veio estudar e ao mesmo tempo cumprir o serviço militar. Ele não sabe o que acontecerá, mas será que já não traz consigo a intuição de que sua vida está para se tornar estrada longa do aprender e do ensinar?

O jovem adulto cursará o chamado Artigo 91, no Colégio Júlio de Castilhos, o que lhe possibilitará concluir o ginasial em tempo mais curto que o necessário no ensino regular. Ele fará prova e será admitido no antigo Banco Agrícola Mercantil e ali trabalhará nos próximos nove anos. Em grande parte desse tempo, seu local de trabalho será nos primeiros andares do ainda hoje mais alto arranha-céu de Porto Alegre, o Santa Cruz, na Rua da Praia, que, todos sabem, só tem praia no nome e nas histórias contidas nos livros expostos nas prateleiras das livrarias ao longo da rua.

Esses contrastes me parecem bons símbolos para a história que ouço de Casimiro. A trajetória que liga a planície interiorana à cidade com fantasia de Nova York. Os andares próximos da calçada no arranha-céu mais alto. A rua que tem praia somente na imaginação. Hoje, esses movimentos são como que símbolos retrospectivos para a história de Casimiro, que sempre foi leitor atento do diálogo entre as realidades dentro das cabeças e a que está “lá fora”. Mas não vamos pular no tempo. Vamos voltar para a sequência onde estávamos.

No tempo das construções da vida após o desembarque, ele trabalhará e prosseguirá estudando. Depois do Artigo 91, cursará o ensino médio e profissionalizante

¹ Professor no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

na Escola Técnica de Comércio Farroupilha. Subirá degraus no Banco Agrícola Mercantil. Após a Escola Técnica de Comércio, ingressará no Curso de Especialização em Comunicação na Primeira Companhia de Guardas do Exército, e sairá do curso com o diploma que o credencia, entre outras habilidades, a transmitir e decodificar mensagens em Código Morse. Sim, é isso mesmo, não se trata de engano de escrita neste breve texto biográfico. Poucos anos antes, os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira haviam lutado na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Se houver outra, Casimiro poderá ser convocado para as comunicações.

Um pouco de seu cotidiano porto-alegrense: ele mora na Vila do IAPI, desloca-se de bonde para o trabalho no centro da cidade. À noite, de volta à casa, escuta no rádio de válvulas as bandinhas alemãs, famosas no Vale dos Sinos e que o remetem a lembranças de sua infância e a reminiscências sobre a sua origem, afinal, um de seus sobrenomes é Jacobs.

Felizmente sua vontade de estudar pôde continuar, sem interrupções, na estrada. Agora, na mudança da década para a seguinte, ele ingressa no ensino superior e passa a conciliar suas jornadas de bancário com as aulas do Curso de Especialização em Geografia Humana, organizado pelo MEC e oferecido na Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Universo de conteúdos, de métodos, de pedagogias e, sobretudo, de pessoas, se abrirá para Casimiro. Dois nomes, entre os vários que permanecerão em sua memória, simbolizam esse tempo de crescimento: um professor e um colega estudante. O professor é o emérito Clóvis Vergara, que viria a dar nome para a escola Técnica de Comércio da UFRGS, núcleo do futuro Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. O outro, o colega estudante, se tornará amigo para sempre e está aqui conosco e junto ao professor Casimiro Medeiros Jacobs, nesta homenagem ao cinquentenário da AGB Porto Alegre, o professor Gervásio Rodrigo Neves.

Em 1959, Casimiro e seu amigo Gervásio ingressam no Curso de Geografia da UFRGS. Casimiro se formará em Bacharelado e Licenciatura e, entre as muitas recordações, encontram-se as aulas de Geomorfologia e de Geografia do Brasil com o professor Aziz Ab'Saber. Num trabalho de campo, Ab'Saber dirá a Casimiro – “Você tem facilidade para transitar no mundo humano.” – a sentença proferida pelo grande professor ficará soando como um vaticínio para o então estudante.

O tempo flui, um ciclo se fecha, outro inicia. O tempo de bancário termina porque outro se apresenta. Quando pergunto para Casimiro quais as primeiras lembranças que emergem do tempo de bancário, ele responde de imediato, sem precisar sequer de um segundo para pensar: o contato com os clientes na carteira de cauções. Ele mergulhava no perguntar e escutar, no compreender necessidades, objetivos, dificuldades, examinar alternativas e mais uma vez perguntar, escutar, compreender, pensar alternativas. Eu vislumbro que era o futuro mestre de gerações de estudantes universitários que já naquele tempo se ensaiava, na carteira de cauções mercantis.

O novo ciclo que se abriu foi o convite apresentado a Casimiro pelo professor. Casimiro pelo professor Clóvis Vergara: ministrar aulas na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Casimiro sente o impacto que junta desejo e temor, a correnteza o desafia a nela entrar. Ele se lança ao rio. É como se estivesse de novo diante do perfil dos arranha-céus, desembarcado do ônibus que o trouxe da planície dos banhados.

Etimologicamente, recordar significa passar de novo pelo coração. É o que acontece quando Casimiro recorda a entrevista com os dois jesuítas que o recebem no casarão da antiga sede da Unisinos em São Leopoldo. A entrevista é o início de quarenta e dois anos de docência na instituição. Sua primeira sala de aula, como professor, será na disciplina de Geografia Econômica, na Faculdade de Economia, e nas quatro décadas seguintes ele percorrerá disciplinas várias na Pedagogia, nas Ciências Sociais e, em especial, na formação de professores de Geografia.

Há um aspecto que o faz pensar e que o acompanhará no tempo. Ele rapidamente se torna um professor, digamos, disruptivo. O usual é que o professor faça das aulas um processo integralmente expositivo e, de preferência, enquanto fala, escrevendo no quadro resumos e esquemas a serem copiados acerca do conteúdo abordado. O bom professor é o que articula didaticamente a exposição oral com a escrita no quadro. Contudo, Casimiro passa a fazer diferente. Ele não deixa de expor, mas a compacta exposição é para introduzir perguntas e as perguntas são para colocar estudantes em movimento de pesquisa, de enunciação de interesses e de novas perguntas. Momentos expositivos se intercambiam com novas atividades em sala de aula. Os alunos, individualmente ou em grupos, vão construindo autonomia no caminho de formular perguntas e respostas, respostas e perguntas. Isso encontra fundamentação em livros de pedagogia que surgiam na época, porém, é novidade que causa estranhamento

quando praticada – Casimiro se pergunta quando o mandarão embora. Mas não é o que acontece. Ao contrário, Casimiro recebe muitos convites para lecionar, as turmas de estudantes ouvem falar do novo professor e querem aprender com ele.

Num tempo em que o acesso às informações se amplia e simultaneamente novos conteúdos se multiplicam em aceleração nunca vista, ele está entre os pioneiros que compreendem e ousam colocar em prática o princípio de que vale mais é o construir dialogicamente perspectivas para o que fazer com a maré e não o afogar-se em dados.

Ele une a vivência docente no ensino superior com experiências no ensino escolar: os colégios Dom Diogo de Souza, Farroupilha, Israelita e o Colégio de Aplicação, da UFRGS, estão na memória de Casimiro como lugares onde ele adquiriu aprendizagens profissionais e humanas, e reciprocamente deixou algo de seu afeto e conhecimento para colegas e muitos alunos.

Cada lugar é ponte possível para novos desafios quando o trabalho é feito com envolvimento. Passa mais um tempo e eis Casimiro a ministrar cursos de extensão de Geografia e Metodologia no IBGE, no Rio de Janeiro e na Pontifícia Universidade Católica de lá. Ele, que há duas décadas chegou a Porto Alegre, aos dezoito anos, para concluir o curso ginasial.

Agora Casimiro viaja com frequência ao centro do país para ensinar e aprender. Ele quer sempre saber o que está sendo acrescentado no conhecimento em Geografia por Livia de Oliveira e Antonio Christofolletti. E não perde oportunidades para se matricular em cursos de extensão em Filosofia e Epistemologia, sobretudo na Universidade Estadual de Campinas. Conforme as suas palavras, Casimiro buscava o inacabamento.

O período brasileiro é de exaltação do conhecimento técnico, só que Casimiro desenvolve atenção para o sentido oposto, resistência contra a monocultura das ideias dominantes e contra o apagamento das diferenças e da mais básica noção de felicidade, de saúde mental.

Ao lado das aulas na Unisinos, tornou-se professor no Departamento de Geografia da UFRGS. Ele e seu amigo Gervásio marcarão, nas décadas de 70 e 80, os estudantes que se formam no prédio lembrado com saudade, na Rua General Vitorino, no centro da cidade que um dia se apresentara como o desafio que convidava e assombrava.

É tempo de novas viagens. Casimiro e Gervásio frequentam as assembleias nacionais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, que hoje chamamos por Associação das Geógrafas e dos Geógrafos Brasileiros. As assembleias eram encontros que explanavam e discutiam temas e enveredavam pelo Brasil em longos trabalhos de campo. Em 1972, a associação decide dar novo nome para o evento periódico, que passa a ter caráter ampliado: é realizado na cidade de Presidente Prudente o Primeiro Encontro Nacional de Geógrafos, hoje, Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos.

E agora é o momento de revelar para a AGB Porto Alegre algo que até hoje ignorávamos sobre a Seção: o início foi com uma história de amor. Casimiro me autorizou a contá-la. No Encontro em Presidente Prudente, ele conheceu a professora Iara Marinho, a afinidade foi instantânea. Afinidade tão especial que, em vez de acompanharem os trabalhos de campo promovidos pelo ENG, Iara e Casimiro decidiram fazer um por conta própria, indo de carro, por ela dirigido, até Ponta Porã, onde a noite no cassino permanecerá nas recordações. A conversa no retorno une assuntos das vidas com a Geografia e, em algum ponto na estrada, Iara planta em Casimiro a semente para a futura AGB Porto Alegre. Ela o estimula a criar a Seção e o enamorado contará com o seu apoio para levar a ideia adiante. Em momentos posteriores, Iara contará com a ajuda de Rosa Ester Rossini e José Bueno Conti para consolidar, em Casimiro, a vontade de criar a AGB Porto Alegre.

Iara enviará por correio para o caloroso e especial amigo o regimento e as instruções necessárias para criar uma seção local. O entusiasmo de Casimiro com a ideia e o afeto por Iara fará a AGB Porto Alegre surgir no ano seguinte e ele constará na sua ata de fundação ao lado do amigo Gervásio e dos colegas Gilberto Lazare da Rocha, Olga Maria Schild Becker, Gisela Copstein e José Alberto Moreno – a primeira equipe de diretoria da AGB Porto Alegre, com sede na sala de número 16 no prédio do Instituto de Geociências, na Rua General Vitorino.

O nascimento da AGB Porto Alegre era inevitável, se não em 1973, em algum ano subsequente. A Geografia crescia no Brasil e Porto Alegre não ficaria à margem do movimento. Mas surgiu não depois e sim antes por efeito dessa história de amizade e namoro acontecida e renovada nos ENGs que se seguiram. É como dirá um dos lemas posteriormente formulados ao longo do tempo para definir o ENG: o Encontro é para os encontristas.

Estamos agora nos primeiros anos da década de 80. Um pequeno grupo de estudantes costuma se reunir com Casimiro na mesma sala que foi a primeira sede da AGB Porto Alegre. Casimiro foi o diretor da Seção nos sete primeiros anos, foram concebidos nessa sala os cursos que realizaram antecipadamente a prática daquilo que hoje se chama de formação continuada para professores. Iniciaram-se igualmente ali os trabalhos de edições das publicações que se condensaram mais tarde no Boletim Gaúcho de Geografia. A AGB se mudou para outra sede, ela está ampliando seu campo de atuação, continuará crescendo nos próximos anos e três pessoas muito representativas dos novos tempos estão também presentes nas homenagens que recordam os anos iniciais destes cinquenta que fazem a história da AGB Porto Alegre – Anelisa Damiani, Carmem Marília Machado Franco e Neiva Otero Schäffer.

Anelisa, Carmem, Neiva e Gervásio estarão presentes nas falas de outras pessoas agebeanas nestas homenagens. No momento, estamos na sala 16 do prédio na Rua General Vitorino, nos primeiros anos da década de 80.

Um grupo de estudantes discute textos de natureza teórica e metodológica, estou entre eles. Somos incentivados pelas mediações de Casimiro e há aspectos que compreenderemos melhor somente no futuro. No momento, o mestre nos coloca em contato com esses novos caminhos.

A década que passou foi de febre quantitativa. Em nossos estudos e debates, identificamos forte dose de alienação na febre. A onda quantitativa tem ecos do milagre econômico, que já se pulverizou, e da ditadura militar, que está prestes a findar. Na febre quantitativa, as pessoas reais sumiram nos modelos teóricos e na exaltação da abordagem dita científica a eles associada. Onde estão as classes sociais, o gênero e a cor da pele nos modelos abstratos que normatizam como o Estado a serviço de grandes capitais privados deve gerir o espaço geográfico?

Casimiro, outra vez à frente, permite e incentiva que esses estudantes reunidos na sala leiam e discutam os textos críticos que circulam no centro do país e tardam chegar ao conservador Sul. Seu entusiasmo teórico e prático está direcionado, na verdade, para outra direção – para a fenomenologia. Mas acima do caminho para o qual desenvolve a sua particular paixão, ele coloca a abertura de caminhos para todos, algo raro naquele tempo, raro ainda hoje. Nós, os estudantes, somos todos acolhidos por Casimiro, em nossas diferenças. Sabemos que podemos criticar abertamente as ideias que o

mobilizam, confrontar as suas com as nossas ideias preferidas, e isso não sem alguma dose de arrogância juvenil de nossa parte. Por essa liberdade de pensamento com que ele nos recebe e respeita, mais ainda cresce a admiração que temos pelo mestre. Seu exemplo vai, aos poucos, nos formando. Assim, debatemos o Marx que tanto queríamos. E debatemos o Merleau-Ponty que Casimiro trazia ao nosso conhecimento. Hoje, os estudantes estudariam o decolonial na sala de aula com Casimiro. Ele permaneceria receptivo aos novos anseios e, com coerência, continuaria entusiasmado na sua enraizada paixão pela fenomenologia.

Coerência. A fenomenologia pede o sensível, e Casimiro o trazia muitas vezes nos falando, coerentemente, de suas próprias lembranças na planície dos campos, das lagoas e dos banhados.

E assim estamos de volta àquele dia em que o rapaz de vinte e dois anos está diante dos arranha-céus, ele veio para concluir o curso ginasial. De qual lugar Casimiro veio?

Ele veio da escola primária onde a professora lhe puxou com tanta força a orelha que rasgou a carne e deixou a falha. Casimiro, em certos dias, continua até hoje a sentir comichão no pedacinho fantasma em seu corpo. Era uma boa professora, segundo os critérios da pequena comunidade rural, afeita aos conteúdos curriculares e à disciplina.

Ele cresce na beirada norte da Lagoa dos Quadros, na pequena localidade de Cornélios, no interior do Município de Terra de Areia, na época, incluso no município maior de Osório.

Ele cresce e sabe que não tem habilidades nem pendor para a marcação e castração do gado. Rapazinho, ele fará as ordenhas e entregará os litros de leite diariamente no núcleo litorâneo de Capão da Canoa, cumprindo contrato entre o pai e os dez ou doze clientes de casas praieiras.

A essas alturas, Casimiro sente qual o seu pendor, mas não sabe o que fará na vida. Sabe que a vontade se relaciona à memória afetiva de outra professora, Nair Amafalda de Freitas, que ele estimou no Grupo Escolar General Osório, onde, adolescente, enfim concluiu o primário, o que o habilita a pensar em ingressar, algum dia, no curso ginasial.

Apenas com o primário feito, ele se faz professor rural aos dezessete anos, professor alfabetizador e de todas as matérias dos anos iniciais, para crianças e

adolescentes que variam da pouca idade a idades iguais à do jovem professor. Todos juntos, na Tapera dos Quadros, sob o mesmo grande teto de madeira ou sob a copa da árvore, à beira da lagoa, conforme o dia. Serão reabastecidos de energia pelos pães e tortas que a senhora da fazenda, Marina Dihel, lhes prepara.

Aos vinte e dois anos ele desembarca do ônibus. Está diante dos arranha-céus. Veio cursar o ginasial e mais não sabe sobre o que será de sua vida. Mas, fenomenologicamente, acho que ele intui, sim, o que irá fazer aqui nas próximas décadas.

Por sua trajetória de semeaduras, nosso respeito, amizade e carinho, nossas homenagens ao professor Casimiro de Medeiros Jacobs, por sua longa e sinuosa estrada desde o tempo de alfabetizador voluntário e, em particular, no meio de seu caminho, por esse outro ato educativo, a fundação da AGB Porto Alegre, há cinquenta anos.

GRATIDÃO

Casimiro Medeiros Jacobs

Depois de todo esse conhecimento e experiências vividas, repleta de significação de cunho agebiano gaúcho, só resta expressar profundamente a minha gratidão ao professor e amigo Nelson Rego, pela beleza evidenciada na literatura e na poética no texto que acabou de construir, e às seguintes instituições e pessoas.

Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): criando uma estrutura fundamental às realizações múltiplas e inerentes aos propósitos nos diferentes níveis institucionais da AGB: no nível de núcleo e da seção regional do Rio Grande do Sul.

Secretaria de Educação: conseguimos a minha cedência de quarenta e quatro (44) horas semanais para operacionalizar as atividades essenciais da estrutura de funcionamento da AGB como um todo.

Professora Aretê Saldanha Vargas, então diretora do Departamento de Assuntos Universitários, que operou de forma fundamental nas dinâmicas dos dois níveis estruturantes em questão.

O processo de operacionalização da AGB foi quase sempre colaborativo no espaço e no tempo do Instituto de Geociências. Era notório o dinamismo e as mudanças do conjunto no espaço/tempo do Instituto de Geociências.

Secretaria da Agricultura: a unidade de Geografia e Cartografia, por meio da iluminada gestão do geógrafo mineiro José Alberto Moreno e de sua equipe de geógrafos(as), foi fundamental durante quase toda a dinâmica dos trabalhos em conjunto com a AGB: tanto em nível de núcleo como na estruturação da seção regional do Rio Grande do Sul, a Secretaria de Agricultura trabalhou fortemente integrada com a AGB Porto Alegre, dinamizando dialogicamente suas contribuições tanto na esfera do conhecimento com nas experiências vividas no cotidiano da AGB gaúcha, em questões de pesquisa e no processo de correlação entre Geografia e Cartografia, sempre constituindo parte integrante dos debates como um todo.

Minha homenagem e gratidão à geógrafa Iara Maria Marinho da Costa, professora universitária da Universidade Católica de Recife, diretora da Faculdade de Administração situada próxima à cidade de Presidente Prudente, professora e diretora da Casa de Portugal em São Paulo. Minha gratidão pelo cuidado e dedicação com quem ela incentivou e inspirou a criação da AGB no Rio Grande do Sul.

Baseados em nossa experiência vivida no Primeiro Encontro Nacional de Geógrafos, na cidade de Presidente Prudente, realizado em 1972, tomamos a seguinte decisão: visitar uma multiplicidade de lugares para avaliar as diferentes ações territoriais.

Desse modo, visitamos as cidades de Campo Grande e Dourados, no Mato Grosso do Sul, e Ponta Porã e Pedro Juan Caballeros, no Paraguai.

Durante a nossa excursão e baseados nesse movimento de viagens, notando as diferenças de cada lugar, assim como subsidiados pela leitura de documentações existentes sobre a AGB nacional e suas seções regionais, correlacionamos ideias e imaginamos a possibilidade de um núcleo da AGB em Porto Alegre.

Durante as viagens, nosso diálogo concebeu a possibilidade e a estrutura para uma seção da AGB em Porto Alegre, pois nossa conversa girou em torno da criação do núcleo.

Assim, no retorno, tínhamos uma AGB gaúcha imaginada durante nossos trajetos pelos lugares vivenciados por nós.

Finalizando, podemos dizer que em nosso diálogo pelos interiores, sonhamos com uma AGB para Porto Alegre, projetamos a organização inicial que a seção veio a assumir durante essas idas e vindas pelos lugares referenciados.

Gratidão por essa vida, pela interconexão entre pessoas e saberes orientada pela generosidade de tantos.